

ARTIGOS

HISTÓRIA DA PALESTINA NOS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO (III).

(Continuação).

§ 2. — **Consolidação do poder de Herodes (37-c.28-7 a. C.).**

174. — Costuma dividir-se o reinado de Herodes em três períodos, se bem que os autores não estejam de acôrdo sôbre o ano exato em que cada um dêles começa. A separação exata, de resto, será difícil estabelecer-se, uma vez que muitos fatos não podem situar-se com precisão no tempo, ou atribuem-se-lhes datas diferentes. Igualmente certos aspectos da atividade política de Herodes difficilmente se limitam a uma só época. Dêstes períodos do reinado de Herodes o primeiro, de 37-c. 28-7 a. C., é o da consolidação de seu poder contra os inimigos internos, reais ou imaginários, e os perigos que o ameaçavam de fora. O segundo período, de c. 28-7-c. 14-13, é o do esplendor do reinado de Herodes, período de prosperidade e de paz, o período também de suas relações de amizade com Roma e dos favores de Augusto. O terceiro período, de c. 14-13-4 a. C., ano de sua morte, é o das dificuldades domésticas, das intrigas pela sucessão e do desfavor junto de Augusto (248).

175. — Se foi duro e árduo ao novo rei conquistar seu reino, via diante de si uma tarefa muito mais árdua ainda, a de assegurar sua conquista contra os adversários no interior do país e no exterior, e, ainda, a de granjear as simpatias de seu povo (249). Este, além de abominar ao estrangeiro e semi-judeu, de forma alguma devia estar a seu favor, depois das devastações de uma guerra de três anos no país inteiro e, principalmente, em Jerusalém. Os adversários de Herodes no proprio país foram, sobretudo, três: a grande massa do povo ju-

(248). — Ver E. Schürer 1, 419; J. Felten 1, 116; M.-J. Lagrange 167; U. Holzmeister 29. 32. 53; W. Otto 35. 54. 121, etc.

(249). — W. Otto 35.

daico, a nobreza saducéia e pró-hasmonéia, e os membros restante da família dos hasmoneus. Entre os adversários externos mais perigosos figura em primeiro lugar a famosa rainha do Egito Cleópatra VII Theá Philopátor (51-30 a. C.), que vira a seus pés o próprio Caio Júlio César, e agora dominava a Marco Antônio, ingerindo-se sempre mais nos negócios da política romana (250). Durante os anos restantes da vida de Marco Antônio dará ela muito que fazer a Herodes, chegando a envolvê-lo numa guerra com os nabateus. Outro perigo, enfim, para a carreira de Herodes, perigo que um hábil político devia prever, era a regularização interna do império romano entre Marco Antônio e Otaviano, uma vez que a situação do momento não podia continuar indefinidamente. De tôdos êstes perigos Herodes, com sua habitual sorte, saiu ileso.

176. — I. **Ajuste com os adversários internos.** — O principal golpe dirigido contra o povo, que de forma alguma queria reconhecer a Herodes como rei legítimo, como nos informa Estrabão, foi certamente a execução de Antígono (A. 15, 1, 2 § 9s). Sugerida, ou não, por Herodes, devia decerto constituir motivo de alívio para êle, livrando-o de um concorrente, que podia tornar-se perigoso nas mãos de Marco Antônio ou qualquer outro chefe romano, que não fôsse amigo de Herodes. Além disto, se Herodes procurou impedir o massacre ilimitado de seus futuros súditos, não tinha, por outro lado, a mínima intenção de perdoar a seus adversários. Se não quis que as riquezas dos cidadãos fôsem levadas pelos romanos (n. 168), não foi para preservá-las para seus donos. O que se seguiu foi uma proscrição em regra segundo o modelo romano (251). Quarenta e cinco nobres, partidários de Antígono, foram executados e seus bens confiscados. O produto serviu para manter inalteradas as boas graças de Marco Antônio e de seus subordinados (A. 15, 1, 1 — 2; G. 1, 18, 4 § 358) (252).

177. — Aos próprios partidários o rei recompensou com honrarias (A. 15, 1, 1 § 2; G. 1, 18, 4 § 358), e temos indícios de que procurou atrair para si os elementos que não lhe eram absolutamente contrários, e que, ao mesmo tempo, não sympathizavam com o regime anterior, como os fariseus (A. 15, 1, 1 §

(250). — G. Ricciotti 69s. Sobre o caráter e a ambição patriótica de Cleópatra há um bom resumo em J. Buchan, *Augustus*, London 1947, 84-86.

(251). — A. H. M. Jones 48.

(252). — Nem todos os proscritos foram realmente apreendidos; cf. A. 15, 7, 10; W. Otto 35, e o n. 219.

3s) (253). Dada a imensa popularidade destes, só estava nos interesses de Herodes granjear suas simpatias, ou, então, não aliená-las mais ainda (n. 167). Assim, quando nos últimos anos de Herodes se exigiu de todos os súditos do império o juramento de fidelidade a César, mais de seis mil fariseus se recusaram a prestá-lo, e, mesmo assim, somente os chefes foram executados (A. 17, 2, 4 § 42). E', pois, de rejeitar-se a afirmação de José, de que Herodes logo de início mandou matar todos os membros do sinédrio, com exceção de Samaias (A. 14, 9, 4 § 175), porque naquele tempo já os fariseus formavam parte integrante desta suprema côrte legislativa e judiciária (254).

178. — Além de reprimir violentamente os nobres, procurou Herodes não conceder excessiva autoridade às nobres famílias sacerdotais. Estando vago o sumo-sacerdócio pela mutilação e prisão de Hircano II e a execução de Antígono, e não podendo êle mesmo assumir êste cargo, por causa de sua descendência iduméia e por não descender de família sacerdotal (255), nomeou, em 37-6, para o cargo a certo Ananel, oriundo da Babilônia, a quem José em uma passagem, diz ser oriundo de classe sacerdotal inferior (A. 15, 2, 4 § 22), em outra faz descender de sumos-sacerdotes (ib. 3, 3 § 39s) (256). Esta nomeação significava a preterição da casa dos hasmoneus, cujo candidato era Aristóbulo III, irmão de Mariame, herdeiro natural do sumo-sacerdócio por sua descendência de dois sumos-sacerdotes, Hircano II e Aristóbulo II (n. 123). Convém lembrar que o sumo-sacerdócio era hereditário e vitalício, que seu detentor era presidente do sinédrio, e que, como tal, sempre podia exercer certa influência, e que seu cargo, naturalmente, trazia consigo maior participação nas rendas do templo e enorme prestígio junto ao povo (257). Herodes podia alegar a pouca idade de Aristóbulo, que na ocasião

(253). — Sôbre Polión e Samaias ver a nota 67 dêste capítulo.

(254). — W. Otto 35; U. Holzmeister 29; M.-J. Lagrange 168. Exagera A. H. M. Jones 48: The Sanhedrin was practically blotted out. — Não consta pelo texto de José, citado no n. 176, que os 45 nobres fôsem membros do sinédrio, mas também não se exclui; cf. F.-M. Abel 1, 347; H. Duesberg 112. Tratar-se-ia de nobres das famílias saducéias. Constando o grande sinédrio de 71 membros (M. Sanhedrin 1, 6; ver E. Schürer 3, 174s; U. Holzmeister 212), ainda restariam 26 membros, F.-M. Abel 1, 384¹.

(255). — W. Otto 36; F.-M. Abel 1, 384. Ver os n.s 91s.

(256). — Em M. Para 3, 5, onde seu nome é Hananai, é dado como egípcio; ver E. Schürer 3, 197⁶⁴; U. Holzmeister 201.

(257). — E. Schürer 3, 196. 254-256; sôbre as rendas dos sacerdotes ib. 230-254.

tinha dezesseis ou dezessete anos (258), idade que não permitia, segundo o costume, sua nomeação (259)..

179. — Se êste motivo para preterir a Aristóbulo convinha aos planos de Herodes, não se deve, todavia, ver em sua atitude, desde logo, uma oposição direta aos hasmoneus. Vários indícios provam que êle no início de seu reinado procurava servir-se dêles para fortalecer a própria posição, política que já havia inaugurado por seu casamento com Mariame (n. 123). Temos ainda o casamento de seu irmão Feroras com uma irmã de Mariame (G. 1, 24, 5 § 483), casamento que deve datar desta época (260). Em todo o caso, a preterição de Aristóbulo causou a indignação de sua mãe Alexandra, filha de Hircano II. Escreveu a Cleópatra, a fim de Marco Antônio exercer pressão sôbre Herodes (A. 15, 2, 5) (261). Dêste tempo parece datar a fricção entre Herodes e Alexandra, que em breve deveria transformar-se em inimizade aberta (262). Alexandra, com efeito, parece ter aspirado a exercer os direitos de rainha-mãe, como se fazia nas côrtes orientais, ainda mais que em seu modo de pensar o poder de Herodes não devia ser senão uma extensão dos direitos dinásticos dos hasmoneus, que lhe vinham pelo casamento com Mariame (263). Observamos, ao mesmo tempo, a primeira ingerência de Cleópatra nos negócios de Herodes.

(258). — Ver o primeiro número em A. 15, 2, 6; o segundo em G. 1, 22, 2 § 437; cf. W. Otto 36.

(259). — A. 15, 2, 7. Nada se define sôbre a idade do sumo-sacerdote em Lev. 21, 17-23. Conforme a tradição rabínica os sacerdotes em geral estavam devidamente qualificados ao atingir a puberdade. Na prática, contudo, só começavam a exercer as funções de seu ofício com a idade de vinte anos; E. Schürer 3, 214s.

(260). — W. Otto 37, nota.

(261). — Em A. 15, 2, 6 § 26s Alexandra, a conselho de Quinto Délio (ver n. 154), envia os retratos de Aristóbulo e de Mariame, ambos jovens de rara beleza (ib. 2, 5 e 3, 3), a Marco Antônio, apelando a seus instintos. O receio diante de Cleópatra e de Herodes fazem com que aquêle se contente com pedir a vinda de Aristóbulo. Herodes responde exasivamente, alegando motivos de ordem política. W. Otto 37-39 considera a historieta falsa. Alexandra não se teria deixado arrastar a tais infrações contra a lei judaica. Considera-se a historieta ampliação de G. 1, 22, 3 § 439, onde Mariame é acusada de ter enviado seu retrato a Marco Antônio, homem conhecido pela paixão por seu sexo. Negando a verdade histórica do fato, devem negar-se logicamente também as conseqüências que a êle se atribuem, isto é, a nomeação de Aristóbulo por intervenção direta de Marco Antônio e de Cleópatra. — Outros autores narram o fato sem comentário: E. Schürer 1, 420s; J. Felten 1, 118; G. Ricciotti 381s; M.-J. Lagrange 169; F.-M. Abel, 348. Omitem-no A. H. M. Jones 52s; H. Duesberg 112s.

(262). — W. Otto 37.

(263). — G. Ricciotti 381.

180. — Marco Antônio não parece ter-se entusiasmado muito com o pedido de Alexandra (A. 15, 2, 63), suspeitando provavelmente aspirações dinásticas por detrás da manobra. Todavia, às intrigas da sogra vieram juntar-se os pedidos da espôsa, e certamente o desêjo de Herodes de evitar, enquanto possível, todos os atritos com os hasmoneus. Resolveu ceder (264). Ananel foi depôsto contra a lei, que mandava que o sumo-sacerdote, uma vez instalado, retivesse o cargo *ad vitam*. O primeiro a violar esta lei foi, conforme José, Antíoco IV Epifanés (n. 6); o segundo foi Aristóbulo II, que removeu a seu irmão Hircano II (n. 12); o terceiro Herodes (A. 15, 3, 1). Poderia ter intercalado a Pompeu, que removeu a Aristóbulo II, e reinstalou a Hircano (n. 14); a remoção de Hircano pelos partas (n. 134), e a de Antígono por Sósio (n. 168). Êstes precedentes deviam converter-se em costume permanente na dinastia herodiana e no govêrno dos procuradores romanos, a ponto de têrmos vinte e oito pontífices até a guerra de 66. A instalação de Aristóbulo III deve ter-se dado em 36 ou começos de 35 (265).

181. — A situação doméstica, contudo, não melhorou. E' possível que Alexandra, depois dêste primeiro sucesso, nutrisse esperanças ainda maiores para seu filho, se bem que o negasse (266). Em todo o caso, estava suficientemente alertada a desconfiança de Herodes, o que fêz com que ela novamente apelasse para Cleópatra (267). Esta lhe sugeriu que, juntamente com seu filho, se refugiasse com ela. Prepararam-se, por conseguinte, dois caixões, para neles efetuarem a fuga durante a noite. Esperava-os um navio no litoral, para levá-los ao Egito. Um certo Sabión, suspeito de cumplicidade no assassinato de Antípater, revelou o plano a Herodes, esperando desta forma reabilitar-se. Herodes, preferindo surpreender os fugitivos em flagrante, deixou que os preparativos para a fuga se completassem. Perdoou o fato, para, aparentemente, mostrar-se clemente. No fundo devia temer a reação de Cleópatra (A. 15, 3, 2), e certamente queria evitar, na medida do possível, qualquer ruptura aberta com os hasmoneus

(264). — W. Otto 37-39.

(265). — W. Otto 38; U. Holzmeister 199.

(266). — A. 15, 2, 7; J. Felten 1, 118; W. Otto 39; F.-M. Abel 1, 349.

(267). — Em A. 15, 3, 2 afirma-se que Herodes mandou confinar Alexandra no palácio, e espiar todos os seus movimentos. Isto não parece condizer com sua atitude posterior diante de Alexandra, e parece tratar-se de um exagêro das fontes de José; W. Otto 39.

(268). O fato de não se mencionar a Marco Antônio nesta altura, sugere que os acontecimentos se tenham dado em 36 a. C., ano em que êle estava empenhado em nova guerra com os partas (269).

182. — A política pacifista interna de Herodes manifestou-se, ainda, pela libertação de Hircano II do cativeiro parto. Fraates II, que havia sucedido a Orodes II em 37 a. C. (270), tratou a Hircano com deferência, e permitiu que vivesse entre os judeus da Babilônia, que o tratavam com o máximo respeito. Informado do sucesso de Herodes, manifestou desejos de voltar à pátria, contando com a gratidão de Herodes, a quem havia protegido desde o começo, e a quem havia facilitado a fuga, quando acusado perante o sinédrio (n. 111). Herodes, com efeito, servindo-se dos bons ofícios de Saramala, o banqueiro já mencionado anteriormente (n.s 132. 147), conseguiu, por meio de presentes, que o rei parto deixasse partir a Hircano. Recebeu-o com distinção e tratou-o com deferência (A. 15, 2, 1 — 2; cf. G. 1, 22, 1 § 433s). José sugere que Herodes se tenha empenhado em conseguir a libertação de Hircano, a fim dêste não poder servir de arma na mão dos partas, e a fim de tê-lo em seu poder, e, eventualmente, livrar-se dêle (A. 15, 2, 3). O tratamento, contudo, que lhe dispensou, não permite afirmar que o único motivo que o levou a isto tenha sido a desconfiança ou a falsidade. Seu procedimento pode explicar-se perfeitamente pelo desêjo de granjear as simpatias dos hasmoneus e do povo (271), uma vez que Hircano, devido a sua mutilação, não podia mais aspirar ao sumo-sacerdócio (n. 134). Veremos, de fato, que Herodes só procedeu contra os diversos membros da casa dos hasmoneus, quando êstes despertavam suas suspeitas, ou excitavam seus ciúmes. E' possível, portanto, que José tenha concluído dos efeitos as intenções de Herodes, isto é, do fato dêle ter-se livrado dos hasmoneus sobreviventes, concluiu ser essa a intenção preconcebida de fazê-lo na primeira oportunidade.

183. — A primeira vítima dos ciúmes de Herodes foi o jovem sumo-sacerdote Aristóbulo III, rapaz de extraordinária

(268). — W. Otto 40.

(269). — W. Otto 39; cf. B. Niese-E. Hohl 270.

(270). — B. Niese-E. Hohl 270.

(271). — W. Otto 36s. Preferem seguir a sugestão de José J. Felten 1, 117; G. Ricciotti 381. — A. H. M. Jones combina ambos os motivos.

beleza, como sua irmã Mariame (A. 15, 2, 5 e 3, 3). Oficiando êle, no esplendor das vestes pontificiais, na festa dos Tabernáculos, em 36 ou 35, foi aclamado, num misto de alegria e de lágrimas, pela multidão, que se lembrava dos feitos de seu avô homônimo, Aristóbulo II. Isto provou a Herodes que Alexandra e Aristóbulo, quando se apresentasse a oportunidade, poderiam contar com o apóio popular que lhe faltava (272). Foi o suficiente para êle agir. Não o fêz, contudo, abertamente, induzido, provavelmente, por seu amor para com Mariame e o fato de não querer deixar aparecer aos olhos do povo sua ruptura aberta com os hasmoneus. Pouco depois, por ocasião de uma festa em Jericó, quando, ao cair da noite, os convivas, inclusive Aristóbulo, se deliciavam na piscina, os amigos de Herodes, por ordem dêle, e como que fingindo divertir-se, retiveram o jovem por debaixo da água até morrer. Assim desapareceu Aristóbulo com dezoito anos de idade, tendo mal completado um ano no sumo-pontificado, cargo que novamente foi dado a Ananel (n. 178; A. 15, 3, 3 (273)).

184. — Herodes fingiu profunda dor, e mandou preparar funerais pomposos, sem, todavia, conseguir iludir a ninguém, e menos de todos a Alexandra (A. 15, 3, 4). Esta recorre novamente a Cleópatra, que, por sua vez, informa a Marco Antônio. Ordena êste que Herodes se apresente a êle em Laodicéia da Síria (274). Herodes para lá se dirige, deixando a seu tio e cunhado José (n. 87) como regente, com ordem expressa de matar a Mariame, se algo lhe acontecesse. Não queria que outrém a amasse depois de sua morte (A. 15, 3, 5). Conseguiu por meio de dinheiro e de palavras que Marco Antônio o absolvesse, dando como razão que Herodes, dentro de seu reino, tinha o direito de agir como rei (A. 15, 3, 8). Compreende-se facilmente que uma execução sumária pouco importasse a Marco Antônio, habituado êle mesmo a tais processos. No momento em que acabava de sofrer derrota ver-

(272). — W. Otto 40.

(273). — Em G. 1, 22, 2 § 437 narram-se os fatos mais brevemente. Aristóbulo teria sido levado de noite a Jericó e mandado afogar pela guarda de gauleses de Herodes. Esta guarda, contudo, que fôra de Cleópatra, só foi dada a Herodes por Otaviano depois da morte daquela em '30 (n. 213), isto é, bem cinco anos mais tarde, cf. H. St. J. Thackeray 2, 206s conforme Th.

(274). — Os autores não estão de acôrdo quanto ao ano da viagem de Herodes. M.-J. Lagrange 170 dá os anos de 36 ou 35; A. H. M. Jones 54 o de 35; U. Holzmeister 30 e F.-M. Abel 1, 350¹ o de 34; W. Otto o de 35 ou 34.

gonhosa às mãos dos partas, não devia estar disposto a sacrificar um vassalo absolutamente devotado às pretensões dos hasmoneus, com os quais não podia contar (275). Cleópatra, por sua vez, que tinha pretensões sobre a Judéia, e teria visto de bom grado o afastamento de Herodes, recebeu em compensação parte da Celessíria (ib.). Espalhará-se, contudo, em Jerusalém o boato de que Herodes havia sido mandado executar por Marco Antônio, boato que só podia partir dos inimigos de Herodes. Alexandra, então, concebe o plano de refugiar-se com os seus e José junto de uma legião romana, que se achava acampada, para a proteção do reino, perto da cidade, sob o comando de um certo Júlio (A. 15, 3, 7). Chegaram, contudo, cartas de Herodes, provando que estava vivo, o que tornou desnecessária a fuga projetada (ib.).

185. — Regressando a Jerusalém, Herodes, conforme as **Antigüidades**, teria tido conhecimento por meio de Salomé e sua mãe Cipros, dos planos de Alexandra. Salomé ainda teria acusado a seu tio e marido José de adultério com Mariame. Herodes, verificando que José havia revelado a Mariame a ordem secreta de matá-la, caso êle não voltasse de junto de Marco Antônio (A. 15, 3, 9; cf. ib. 6), concluiu daí ser verdadeira a acusação, e teria dado ordens para matar a José, sem ao menos vê-lo, e para encarcerar a Alexandra (ib. 9). (276). Na passagem paralela da **Guerra** temos em primeiro lugar uma cena doméstica entre Herodes e Mariame, acusando-o esta de ter assassinado a seu irmão Aristóbulo e a seu avô Hircano, e queixando-se em geral da mãe e da irmã dêle. Estas acusam-na de adultério — sem mencionar nomes — e do fato de ter enviado seu retrato a Marco Antônio (G. 1, 22, 3 § 438-440) (277). Só então menciona-se a viagem para junto de Marco Antônio, sem indicar-lhe o motivo, e a instrução secreta dada a José, mais um resumo do que se seguiu após a volta de Herodes. Herodes manda então matar a Mariame e a José (ib. 4 § 441 — 5 § 444). Isto ter-se-ia dado em 34 a. C. Ora, pouco antes diz José que Herodes tinha de Ma-

Reinach; G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 1, 142, o qual deixa em suspenso a questão se se trata dos mestros gauleses ou gálatas. A narração das *Antigüidades* é preferível à da *Guerra*; W. Otto 40; G. Ricciotti, ib; E. Schürer 1, 421.

(275). — F.-M. Abel 1, 350; A. H. M. Jones 54s; M.-J. Lagrange 170.

(276). — Os autores em geral aceitam esta versão de A.: M.-J. Lagrange 171; U. Holzmeister 30; J. Felten 1, 119; G. Ricciotti 384; H. Duesberg 114; A. H. M. Jones 55s; F.-M. Abel 1, 350.

(277). — Ver a nota 261.

riame cinco filhos, quando haviam casado apenas em 37 (ib. 22, 2 § 435). Mariame lançou em rosto a Herodes o assassinato de Hircano, o qual, contudo, só foi mandado matar c. 30 (ib. § 437). Ainda, conforme as **Antigüidades**, Mariame só foi morta depois da viagem de Herodes para ver a Otaviano em Rodes, c. de 29 a. C. (n. 204). As circunstâncias se repetem nesta ocasião: a ordem secreta de matar a Mariame; a revelação do segrêdo; as maquinações de Cipros e de Salomé; as suspeitas de Herodes; a condenação de Soemo e de Mariame.

186. — Se tudo isto sugere que a narração da **Guerra** é uma antecipação e uma condensação dos fatos narrados nas **Antigüidades**, é difícil ver, porque Herodes mandou matar apenas a José, se estava realmente convencido do adultério de Mariame. Ainda que admitamos a historicidade da ordem secreta dada a José, os fatos, todavia, relacionados com ela parecem ser duplicata dos fatos posteriores, como se narram nas **Antigüidades**. Também a prisão de Alexandra é inverossímil em vista da atividade posterior da rainha-mãe. Além disto, seu plano de se refugiarem todos junto da legião romana, era apenas natural nas circunstâncias, e estava inteiramente de acôrdo com a política pró-romana observada até então (278). Por conseguinte, se não admitimos a execução de José pelo crime de adultério com Mariame, nem ainda pelo fato de se querer prestar aos planos de Alexandra, devemos ver qual o motivo suficientemente grave para Herodes sacrificar a seu parente e servidor, até então de inteira confiança, como prova o fato de tê-lo nomeado regente durante sua ausência (cf. **G.** 1, 22, 4 § 441).

187. — O motivo nô-lo refere José de passagem. Afirma, com efeito, que no início da guerra de Accio, Herodes se preparou para reunir-se com suas fôrças a Marco Antônio, uma vez que então já se livrara dos distúrbios na Judéia, e havia reconquistado a fortaleza de Hircânia, até então em mãos de uma irmã de Antígono (**G.** 1, 19, 1 § 364) (279). Esta fortaleza havia sido desmantelada por Gabínio, juntamente com outras praças fortes da Judéia (**G.** 1, 8, 5 § 167s; **A.** 14, 5, 4 § 89s). Durante a visita de Marco Agripa em 15 a. C., Herodes lhe mostra as fortalezas por êle reconstruídas, e entre estas também a Hircânia (**A.** 16, 2, 1 § 13). Ora, é absurdo supor

(278). — W. Otto 40s.

(279). — Hircânia ficava ao norte do vale do Cedrón, perto do atual convento de Mar Saba, no deserto da Judéia; F.-M. Abel, *Géographie* 2, 350.

que a irmã de Antígono com os seus tivesse resistido a um assédio numa fortaleza desmantelada. Conclui-se, por conseguinte, que Herodes a tivesse mandado reconstruir logo nos inícios de seu reinado. Vê-se que a ausência de Herodes junto de Marco Antônio deu lugar a nova rebelião, e que ainda em 33, quando Marco Antônio e Cleópatra começaram com os preparativos da guerra, que culminaria na derrota de Accio, isto é, ao menos um ano depois da viagem de Herodes a Laodicéia, êste ainda lutava com levantes no país, chefiados pelos hasmoneus do ramo de Antígono. O fato de Hircânia ter caído nas mãos dos rebeldes, mostra a gravidade da situação (280).

188. — Convém lembrar mais uma vez a presença da legião romana perto de Jerusalém (n. 184). Júlio César havia declarado a Judéia isenta de ocupação por parte de tropas romanas (n. 19), e é pouco provável que a legião aí se achasse para manter em xeque a Herodes. José diz expressamente que ela aí se encontrava para a guarda do reino — *ἐπὶ φρουρᾷ τῆς βασιλείας* — (A. 15, 3, 7 § 72), isto é, para manter o reino contra os inimigos internos (281), enquanto Herodes tratava de fortalecer seu regime, tomando ou reconstruindo diversas praças fortes, como vinha fazendo desde o início de sua campanha para a conquista do reino. Além dos nomes já mencionados de Masada (n. 156), Oresa (n.s 152.156), Guitá (n. 164), Alexandreion (n. 160) e Hircânia (n. 187), deve mencionar-se o baluarte reconstruído ao norte do templo no local da *βᾶρις* dos Macabeus (A. 15, 11, 4 § 403-409; G. 1, 3, 3 § 75). O nome de Antônia, dado a esta tórre, fixa o fato ainda em vida do triúnviro (282). Combinando os diversos dados, pode-se conjeturar que José tenha fracassado como regente, não conseguindo dominar a situação, sendo, por conseguinte, tido responsável pelas conseqüências. Daí sua execução (283). Contudo, em c. de 33 a. C. o regime de Herodes pode considerar-se definitivamente assegurado contra os adversários internos, e nada mais ouvimos de levantes armados.

189. — II. **Herodes entre Cleópatra e Marco Antônio.** — Além de dever arcar com o problema da consolidação interna de seu regime, estava Herodes continuamente ameaçado pelas ambições de Cleópatra. O fim último desta era a restituição do Egito do tempo dos primeiros Ptolomeus, com a inclusão, por

(280). — W. Otto 41, nota.

(281). — W. Otto 42.

(282). — W. Otto 42.

(283). — W. Otto 41.

consequente, de tôda a Síria meridional (284). O nome de Filadélfia, a hodierna Aman, devia lembrar-lhe necessariamente o antigo esplendor de seu reino (285). Já no inverno de 37-36 começou ela a trabalhar neste sentido junto de Marco Antônio, conseguindo que êste mandasse executar a Lisânias, filho de Ptolomeu de Calcis (n.s 118.130), e lhe desse o seu território, sob o pretexto de ter êle estado a favor dos partas. Pediu igualmente a Judéia e a Arábia, tentando destarte arruinar os respectivos reis, Herodes e Malcos (286). O pedido de Cleópatra, contudo, não podia ser do agrado de Marco Antônio. Se Malcos não era homem de absoluta confiança, seria, todavia, tremendamente difícil desalojá-lo de seu território. A campanha de Escauro contra Aretas III em 62 era prova suficiente disto (n. 16). Herodes, pelo contrário, era um súdito leal, e teria sido absurdo depô-lo, quando acabava de ser instalado à custa de enormes distúrbios e despesas, e expor-se a nova revolta judaica, ainda mais na iminência das campanhas planejadas por Marco Antônio (287). Querendo, todavia, satisfazer a Cleópatra, ao menos em parte, sem ver-se obrigado a sacrificar os dois reis (G. 1, 18, 5 § 361), deu-lhe uma parte do território de ambos, e uma parte da Fenícia. Assim recebeu ela tôda a faixa litorânea, com a exceção de Tiro e Sidón, desde o rio Eléuteros até ao Egito, e o distrito de Jericó, o mais fértil da Judéia, cujas plantações de palmeiras e de bálsamo, célebres em todo o mundo, eram umas das principais fontes de renda de Herodes. Re-

(284). — W. Otto 42; F.-M. Abel 1, 350.

(285). — F.-M. Abel 1, 351. A cidade recebeu o nome de Ptolomeu II Filadelfo (283-246).

(286). — A. 15, 4, 1; G. 1, 18, 4 § 359, onde se fala em geral de acusações caluniosas contra pessoas de autoridade na Síria. Em outro contexto, G. 1, 22, 3 § 440, menciona-se o fim de Lisânias. Ver também Cássio Dião, *História Romana* 49, 32, 5. — Sobre a data desta doação não há acôrdo entre os autores. E. Schürer 1, 402⁵. 423, seguido por U. Holzmeister 30; J. Felten 1, 120, etc., coloca a doação do território de Lisânias em 36, as outras em 34. W. Otto 43 (texto e nota), seguido por A. H. M. Jones 49s; B. Niese-E. Hohl 272, etc., coloca a tôdas em 36. F.-M. Abel 1, 351³ cita as duas opiniões, sem pronunçiar-se. Seguindo aqui a data proposta por W. Otto, devemos, naturalmente, colocar a interferência de Cleópatra a favor de Aristóbulo III (n.s 179-181. 184) cronologicamente depois de sua visita a Jerusalém. Ver também o n. 193.

(287). — A. H. M. Jones 49; F.-M. Abel 1, 351.

cebeu, ainda, territórios de Malcos no Hauran e na Transjordânia (288).

190. — Baldados teriam sido os protestos de Herodes. Chegou-se, todavia, a um acôrdo. Quando, em 36 a. C., Antônio marchou contra os partas (289), Cleópatra voltou ao Egito, passando por Apaméia, Damasco e a Judéia, para nesta última tratar de suas aquisições recentes (A. 15, 4, 2; G. 1, 18, 5 § 362). Herodes arrendou de Cleópatra por 200 talentos anuais os territórios a ela cedidos, e, além disto, arrendou ainda os territórios árabes por igual soma, ficando êle, por sua vez, de arrecadar novamente esta quantia do rei nabateu (A. 15, 4, 2 § 96. 4 § 106; G. 1, 18, 5 § 362) (290). Êste arranjo devia satisfazer ambas as partes, enquanto a perda de seu território podia de algum modo agradar a Herodes. Cleópatra podia contar com seus 400 talentos anuais, enquanto os árabes do deserto, por si só, pouca garantia lhe ofereciam. Ao mesmo tempo lançava ela a semente da discórdia entre os dois reis, prevenindo a pouca vontade dos árabes em manter seus compromissos para com Herodes. Os acontecimentos haveriam de justificar esta previsão (n. 194). Indiretamente, contudo, e sem sabê-lo, salvou Cleópatra a carreira de Herodes, como se verá (291). O rei, por seu lado, devia estar satisfeito com o acôrdo, porque não podia estar em seu interêsse, que em seu território, ou nos dos árabes vizinhos, se estabelecesse a administração egípcia, e, quiçá, tropas de Cleópatra (292).

191. — José ainda nos conta que nesta mesma ocasião Cleópatra tentou captar a Herodes por meio de seus encantos, seja por causa de sua natureza sensual, seja porque de fato Herodes se impusera à sua admiração, seja, enfim, para comprometê-lo

(288). — A. 15, 4, 1; G. 1, 18, 5 § 361; Plutarco, *Antônios* 36; Cássio Dión., *ib.* 49, 32, 5. Sobre a fertilidade da região de Jericó ver G. 1, 6, 6 § 138; 4, 8, 3 § 468-475; Estrabão, *Geographica* 16, 2, 41 (p. 763), e E. Schürer 1, 423³⁰, onde se citam em abundância outros escritores greco-latinos. Sobre a inclusão de Gaza na doação ver o n. 192. O rio *Eléuteros* é provavelmente idêntico ao *nahr el-kebir*, a 35 kms ao norte de Trípolis (= trablus), atual fronteira setentrional da República Libanesa; F.-M. Abel, *Géographie* 1, 463.

(289). — G. 1, 18, 5 § 362; W. Otto 43 (texto e nota), baseado em Plutarco, *Antônios* 36 e Cássio Dión., *Historia Romana* 49, 32, 5; A. H. M. Jones 50. — Em A. 15, 4, 2 § 96, em lugar da campanha contra os partas, lê-se campanha contra a Armênia, o que colocaria os acontecimentos em 34, com E. Schürer 1, 402⁶. 423. Ver a nota 286 dêste capítulo.

(290). — Ver W. Otto 44, onde se mostra que o *phóros* em questão não era um tributo propriamente dito, o que seria objeto de direito internacional, mas simples renda ou aluguel.

(291). — F.-M. Abel 1, 354; A. H. M. Jones 57.

(292). — W. Otto 44; A. H. M. Jones 50; M.-J. Lagrange 170.

junto de Marco Antônio, para dêste modo obter o fim almejado, a ruína de Herodes (A. 15, 4, 2). Todos êstes motivos são perfeitamente concebíveis numa mulher como Cleópatra (293), mas o tino político de Herodes mostrou-se superior aos encantos dela. Pode duvidar-se, por outro lado que esta se tenha dado ao trabalho de captar a atenção de Herodes e correr o risco de alertar os ciúmes de Marco Antônio, só para arruinar a Herodes (294). Inteiramente inverossímil é a afirmação que ainda nesta ocasião Herodes tenha tido a idéia de mandar matar a Cleópatra para o bem do próprio Marco Antônio, e que só o retiveram os conselhos de seus amigos (A. 15, 4, 2). Êle certamente não poria em jôgo a própria carreira para o bem exclusivo do triúnviro, e é provável que a anedota provenha das memórias de Herodes, memórias em que se vinga póstumamente de Cleópatra (295).

192. — Em todo o caso, Herodes tratou-a com deferência, cumulou-a de presentes, e acompanhou-a até Pelúcio (G. 1, 18, 5 § 362; A. 15, 4, 2). Parece, contudo, que ela não desistiu de seu intento de obter sempre de novo a Judéia (G. 7, 8, 4 § 300-303), mas Marco Antônio, estranho é dizê-lo, ficou firme (ib. § 302). Recusou-se também a dar-lhe ao menos a Iduméia (A. 15, 7, 9 § 258), se bem que seja provável que lhe tenha dado, por esta época, a cidade de Gaza. Esta havia sido declarada livre por Pompeu (G. 1, 7, 7, § 156; A. 14, 4, 4 § 76). Lemos, contudo, que Herodes, já em 37 nomeia a Costobar, segundo marido de Salomé, governador da Iduméia e de Gaza (A. 15, 7, 9 § 254), pelo que parece que a cidade foi dada a Herodes quando foi nomeado rei em 40. Ora, por outro lado, sabemos que Otaviano deu Gaza a Herodes em 30 (A. 15, 7, 3 § 217; G. 1, 20, 3 § 396). Pode conjecturar-se daí que a cidade foi novamente tirada a Herodes depois de 37, fato que pode ôtimamente relacionar-se com as miras de Cleópatra sôbre a Iduméia (296).

(293). — W. Otto 43; G. Ricciotti 379.

(294). — A. H. M. Jones 51. Admitem as maquinações de Cleópatra. E. Schürer 1, 426; J. Felten 1, 120; H. Duesberg 117; M.-J. Lagrange 170s; G. Ricciotti 378s; F.-M. Abel 1, 352.

(295). — A. H. M. Jones 50s. Ver também W. Otto 43. Admitem a anedota F.-M. Abel 1, 352; G. Ricciotti 378; H. Duesberg 117; M.-J. Lagrange 171. Diante de Otaviano Herodes dirá que depois da batalha, de Arcio aconselhou a Marco Antônio que se desfizesse de Cleópatra, A. 15, 6, 6; G. 1, 20, 1 § 389s.

(296). — W. Otto 44s; F.-M. Abel 1, 351. Se Cleópatra não recebeu Gaza já em 36, a afirmação de José em A. 15, 4, 1 § 95; G. 1, 18, 5 § 361, de que ela recebeu tôda a faixa costeira desde o Eléuteros até ao Egito (n. 189) antecipa fatos posteriores; W. Otto 45, nota.

193. — Além de pretender para si os territórios de Herodes, Cleópatra ainda se intrometia na política do país. Vimos sua intervenção junto de Marco Antônio a favor de Aristóbulo III, rival de Herodes (n. 179s). Mais perigoso foi o plano de fuga por ela ideado, que teria pôsto em suas mãos como instrumento político o jovem Aristóbulo e sua mãe Alexandra (n. 181). Enfim, depois do assassinato do jovem sumo-sacerdote, empenhou-se em denunciar a Herodes a Marco Antônio, o que ocasionou a viagem do primeiro a Laodicéia da Síria (n. 184) (297). O dinheiro de Herodes e seus argumentos foram, contudo, mais eloqüentes do que as intrigas de Cleópatra, e a troca de idéias em Laodicéia só serviu para fortalecer a posição de Herodes. O fato de êle ter sabido manter-se contra as intrigas de sua adversária, mostram-no um mestre consumado na arte da diplomacia (298). E', contudo, difícil dizer, se Marco Antônio teria resistido indefinidamente aos rogos e às intrigas de Cleópatra. Os anseios que Herodes podia nutrir a respeito tiveram solução inesperada com o ajuste de contas entre Otaviano e Marco Antônio em Accio, e as intrigas de Cleópatra afinal só serviram para impedir que Herodes ficasse envolvido no desastre de Marco Antônio (G. 1, 19, 1 § 365).

194. — Herodes, com efeito, fielmente pagava a Cleópatra o tributo estipulado pelo arrendamento dos territórios a ela cedidos, enquanto o rei árabe, depois de pagar uma vez a Herodes sua parte de 200 talentos, e como era de prever, mostrava-se remisso no cumprimento de suas obrigações (A. 15, 4, 4). Havia Herodes decidido recorrer à fôrça, quando estourou a guerra entre Otaviano e Marco Antônio. Preparou-se êle para ir em auxílio dêste último, uma vez que seu reino estava agora inteiramente pacificado e êle bem aguerrido (A. 15, 5, 1; G. 1, 19, 1 § 364) (299). Marco Antônio havia, de fato, convocado todos os reis vassallos do Oriente (300), e Herodes devia nutrir a esperança de mostrar-se útil na futura campanha, e adquirir méritos especiais diante do triúmviro, e, desta forma, consolidar sempre mais sua posição (301). Ora, isto não convinha em absoluto aos planos de Cleópatra, que além disto, sempre

(297). — Sobre a seqüência cronológica dos fatos (W. Otto contra E. Schürer), ver as notas 286 e 289 dêste capítulo.

(298). — W. Otto 157.

(299). — Sobre as implicações destas afirmações de José e a tomada de Hircânia pela irmã de Antígono, ver o n. 187.

(300). — Plutarco, *Antonius* 61; cf. Cássio Diôn, *Historia Romana* 50, 6, 5.

(301). — W. Otto 45.

perseverava na idéia primitiva de jogar os dois reis um contra o outro (302). A seu pedido Marco Antônio dispensou os serviços de Herodes, embora aceitasse suas tropas, bem como as de Malcos (303), e lhe ordenou que movesse guerra contra êste último, informado como estava da perfídia dêle. Cleópatra esperava colher os frutos desta contenda. Se Herodes fôsse bem sucedido contra os árabes, esperava poder apoderar-se do reino dêste; se não o fôsse, caber-lhe-ia certamente a Judéia. Em última análise estava inteiramente no seu interêsse que ambos os reis se prejudicassem mutuamente (304).

195. — O comêço da guerra prometeu bem para Herodes. Encontrou os árabes, cientes de suas intenções, perto de Dium, cidade da Decápole, e os derrotou (A. 15, 5, 1; G. 1, 19, 2 § 366) (305). Novo exército concentrou-se em Cánata, ainda mais ao norte, perto do djebel Hauran (306). As forças de Herodes teriam destrôço completamente os adversários, se não fôsse a intervenção de Atenión, inimigo pessoal de Herodes, e comandante de Cleópatra nesta região da Celessíria, cedida a ela por Marco Antônio (307). Em consequência foram as forças de Herodes completamente derrotadas, e até tomado o seu acampamento, tendo-se Herodes atrasado em chegar com reforços (308). Se Atenión não agira sob as ordens diretas de Cleó-

(302). — W. Otto 45; A. H. M. Jones 57.

(303). — Plutarco, *Antonius* 71; cf. G. 1, 20, 1 § 388.

(304). — A. 15, 5, 1; G. 1, 19, 1 § 365, onde se fala da guerra com os árabes, sem indicar-lhe o motivo. Comparando Plutarco, *Antonius* 61 com A. 15, 5, 1 § 111, onde se diz: *hypostrépas Herôdes*, pode conjecturar-se que Herodes já se havia reunido a Marco Antônio na Ásia Menor, quando lhe foi ordenado voltar; W. Otto 46; F.-M. Abel 1, 354¹. Talvez apenas estivesse a caminho, quando recebeu a ordem.

(305). — Em G. 1, 19, 2 § 366 lê-se *Dióspolis*, nome que posteriormente foi dado a Lida (= Lod). Leia-se *Dion pólin* e identifique-se com *Dion* ou *Dium* (cf. G. 1, 6, 4 § 137), cidade da Decápol, que se procura em *tell el-ashari*, perto de Irbid, na Transjordânia setentrional; F.-M. Abel 1, 354²; id., *Géographie* 2, 150 e 306; G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 109s; H. St. J. Thackeray 2, 171. A guerra nos leva, com efeito, àquela região.

(306). — Conforme se lê *Canata* (A. 15, 5, 1 § 112, ou *Cana* ou *Caratha* (G. 1, 19, 2 § 366), procura-se o lugar ou em *el-kérak*, ou em *kunawat* ambos lugares entre o lago de Genesaré e o djebel hauran; E. Schürer 3, 106-110; F.-M. Abel 1, 354²; id., *Géographie* 2, 150.

(307). — Ver o n. 184. Nas passagens de A. e G. da nota precedente *Canatha* ou *Canata* é chamada cidade da Celessíria. Combatendo os árabes nesta região, entende-se que nela deviam confinar os territórios cedidos a Cleópatra com os dos árabes. Todavia, mal pode dizer-se que os árabes tentavam reaver seu território (como parece sugerir F.-M. Abel, *Géographie* 2, 150), porque neste caso Atenión não teria intervindo a seu favor.

(308). — A. 15, 5, 1 § 111-119; G. 1, 19, 2 § 366 — 3 § 369. Em A. Herodes deixa a batalha para ir buscar reforços, chegando tarde; em G. o desastre é inteiramente atribuído à temeridade das tropas judaicas, tendo Herodes chegado tarde com seus reforços; W. Otto 46.

patra, certamente agira inteiramente no sentido da política de sua soberana (309).

196. — Não restava a Herodes senão contentar-se com incursões e guerrilhas em território inimigo, evitando aceitar combates mais sérios (A. 15, 5, 1; G. 1, 19, 3 § 369). Sua situação tornou-se mais precária ainda por motivo de um terrível terremoto que assolou a Judéia em princípios de 31, causando grande perda de vidas e de material. O exército, contudo, acampado ao ar livre, nada sofreu. Herodes, todavia, desesperado do bom sucesso da campanha, chegou a mandar mensageiros para propor a paz. Foram êles massacrados pelos árabes, convencidos como estavam de que os judeus haviam sofrido enormemente com o terremoto. Em consequência invadem o território judaico (G. 1, 19, 3 § 371s; A. 15, 5, 2) (310). Herodes passa ao contra-ataque, e numa série de combates, concentrados ao redor de uma praça forte nas vizinhanças de Filadélfia (= Ammân), conseguiu esmagadora vitória sobre os inimigos, comandados pelo general Êltemo (311).

197. — Se Herodes desta forma, sem sabê-lo, havia realizado um dos objetivos de Cleópatra, isto é, o aniquilamento de um dos reis ao menos, cujos territórios ela cobiçava (n. 194), tinha ela no momento outras preocupações, ocupada como estava em combater ao lado de Marco Antônio contra Otaviano e o mundo romano, indignado com o regime do triúmviro. Herodes, por seu lado, ainda não podia adivinhar que o pesadêlo de Cleópatra estava por cessar definitivamente. Outro lhe sucederia, embora de breve duração, na pessoa de Caio Otaviano,

(309). — A. H. M. Jones 58 e F.-M. Abel 1, 354 mantêm a primeira opinião, W. Otto 46 a segunda.

(310). — Intercala-se em ambas as narrações um discurso de Herodes às suas tropas, discurso que em ambas só tem em comum o tom geral de encorajamento, G. 1, 19, 4 § 373-379 (inspirado, ao que parece, no discurso de Péricles em Tucídides, *Historiæ* 2, 60 1-64, 6); A. 15, 5, 3 § 127-146; cf. G. Ricciotti, *Flavio Giuseppe* 2, 111s; H. St. J. Thackeray 2, 174s. Sobre a data do terremoto ver W. Otto 46, texto e nota. José expressamente o data antes da batalha de Accio, G. 1, 19, 3 § 370; A. 15, 5, 2 § 121, no ano 7.^o do reinado de Herodes a contar da tomada de Jerusalém; H. St. J. Thackeray 2, 173; G. Ricciotti, *ib.* 111. Estranhamente F.-M. Abel, *Géographie* 1, 54 colocava o terremoto no dia mesmo da batalha de Accio, 2 de setembro de 31. *Id.*, *Histoire* 1, 354 corretamente: au début du printemps de l'an 31.

(311). — G. 1, 19, 5 § 380-384; A. 15, 5, 4 — 5. Diz José em G. *ib.* § 385; § 385; A. *ib.* § 160, que a vitória granjeou a Herodes tanta autoridade entre os árabes, que o escolheram como *prostátês* — protetor e padroeiro, de sua nação. Ou se trata de uma invencione de José, ou temos um termo técnico da linguagem administrativa helenística, que até agora nos era desconhecido, e cujo sentido exato ignoramos; W. Otto 47.

o futuro Augusto. Contudo, a vitória de Herodes sobre os árabes não só aumentou seu prestígio no próprio país (A. 15, 5, 5), mas deve ter exercido ainda influência decisiva em todo o tempo posterior na apreciação de seu reino e de seu governo por parte de Roma. Mostrara êle, que o estado herodiano, ainda em circunstâncias extremamente desfavoráveis, estava à altura de sua missão, missão que êle tinha em comum com todos os pequenos estados asiáticos, isto é, a defesa das fronteiras do império. Só esta missão justificava sua existência aos olhos de Roma (312). Com êste fato a seu favor, podia Herodes apresentar-se, com certa confiança, a Otaviano.

198. — III. **Herodes e Otaviano.** — Antes disto, porém, devia êle passar ainda por um período de ansiedade. A vitória, como efeito, de Otaviano em Áccio, em 2 de setembro de 31 a. C., parecia pôr em jôgo tôda a sua carreira, conhecida como era sua longa amizade com Marco Antônio, a quem, em primeiro lugar, devia sua posição de rei da Judéia (n. 141) (313). Seus amigos perdiam as esperanças; seus inimigos secretamente triunfavam, esperando que a situação política mudasse a seu favor (A. 15, 6, 1). Herodes, contudo, soube, como sempre, adaptar-se bem depressa à situação nova, e preparar o caminho para chegar a um entendimento com o vencedor da hora. Percebendo sem demora que a posição de Marco Antônio, refugiado no Egito, era insustentável, tratou imediatamente de desligar-se dêle, enquanto era tempo (314). Marco Antônio, por sua vez, informado da defeção de Herodes (315), tentou retê-lo do seu lado (316). Todavia, o instinto de conservação era mais forte em Herodes do que seus sentimentos de gratidão e de fidelidade para com seu antigo protetor. Sua defeção imediata, precedida, aliás, pela de Quinto Dídio, pro-

(312). — W. Otto 47; F.-M. Abel 1, 355.

(313). — G. 1, 20, 1 § 386, onde se diz, por exagêro manifesto, que Herodes inspirava mais medo do que êle mesmo sentia; porque Otaviano considerava sua vitória incompleta, enquanto Herodes continuasse aliado de Marco Antônio; A. 15, 6, 1.

(314). — Diante dos fatos não se pode dar crédito a suas palavras diante de Otaviano, de que mesmo depois de Áccio continuou fiel a Marco Antônio, e se tornou seu melhor conselheiro, G. 1, 20, 1 § 388; A. 15, 6, 6 § 190. Êste discurso provém, com tôda a probabilidade, das memórias do próprio Herodes; W. Otto 47; F.-M. Abel 1, 355^o.

(315). — Plutarco, *Antonius* 71, onde se diz que Herodes em Áccio comandava algumas legiões e coortes o que francamente contradiz a José.

(316). — Enviando-lhe um certo Alexas de Laodicéia, ib. 72, mencionado também por José. Ver nota 339 dêste capítulo.

cônsul da Síria, e dos reis vassallos da Ásia Menor (317), confirma-se plenamente pelo fato de êle ter ajudado a êste mesmo Quinto Dídio em interceptar um destacamento de gladiadores, que queriam juntar-se às fôrças de Marco Antônio no Egito, e que haviam partido de Cízico no Helesponto, onde estavam sendo treinados para figurar nas festas, que deviam celebrar-se depois da esperada vitória sôbre Otaviano (318).

199. — Antes, porém, de ausentar-se de seu reino para encontrar-se com Otaviano, achou Herodes oportuno tomar certas medidas para garantir a tranqüillidade do mesmo, como fizera por ocasião de sua viagem a Laodicéia da Síria (n. 184). Hircano II, como foi visto, havia voltado, por intercessão do próprio Herodes, de seu cativeiro entre os partas, cedendo às saudades pela pátria, e confiado no matrimônio de sua neta com Herodes (n. 182; G. 1, 22, 1 § 434). Parecia chegada a ocasião para livrar-se dêste ancião, o único herdeiro dos hasmoneus, que poderia avançar direitos ao trono da Judéia, não que a êle aspirasse, mas, como diz José, porque êle lhe pertencia de direito (319). José nos refere duas versões sôbre o processo contra Hircano, a versão official, contida nas memórias de Herodes, e a versão corrente.

200. — Na primeira Alexandra instiga seu pai a escrever a Malco, rei dos nabateus, a fim de lhe proporcionar os meios para refugiar-se junto dêle. Se Herodes fôsse infeliz em sua missão junto de Otaviano, o reino conseqüentemente voltaria aos hasmoneus. Hircano teria consentido, e sua carta é entregue a Herodes. Esta, todavia, manda levá-la a Malcos, querendo conhecer suas disposições pela resposta. Recebida esta em sentido afirmativo, é apresentada ao sinédrio, e Hircano condenado e executado (A. 15, 6, 2). E' esta, aliás, a única ocasião em que José refere que Herodes tenha consultado o sinédrio, notícia, como ficou dito, tirada dos *ἱστορήματα* de He-

(317). — Cássio Dión, *Historia Romana* 51, 7, 1; cf. E. Schürer 1, 345.

(318). — Cássio Dión, *ib.* 51, 7, 2-7; A. 15, 6, 7 § 195; G. 1, 20, 2 § 392; E. Schürer, *ib.* No texto de Cássio Dión (51, 7, 3) afirma-se que os gladiadores partiram, logo que foram informados dos acontecimentos — *táchista*. Isto permite datar a defeção de Herodes bastante cêdo; W. Otto 47.

(319). — A. 15, 6, 1 — 2; G. 1, 22, 1 § 434. Em A. 15, 6, 4 dá-se-lhe a idade de 80 anos; cf. E. Schürer 1, 428; J. Felten 1, 121. Outros preferem dar-lhe a idade de 70 anos passados; W. Otto 49; F.-M. Abel 1, 358. Em A. 14, 16, 4 § 489 mencionam-se filhos de Antígono como herdeiros ao trono, o que devia incluir ao menos um filho varão. Contudo, Antípater, filho de Herodes, A. 17 § 92; 5, 2 § 23. W. Otto 49, nota. Sôbre os filhos de Babas ou Saba ver o n. 218.

rodes (320). A primeira dificuldade, contudo, contra esta versão, é o próprio plano de fuga. Se os hasmoneus esperavam voltar ao poder pela eventual queda de Herodes, convinha ficar em Jerusalém, para estarem à mão na ocasião azada. Além disto nada ouvimos sôbre um castigo aplicado a Alexandra, que, no entanto, teria sido a instigadora do plano (321). Havia muito que Herodes conhecia o caráter perigoso desta mulher (n.s 179-181.184.186), e só manda matá-la mais tarde, quando age abertamente (n. 217).

201. — A versão corrente, proveniente igualmente de fontes escritas (A. 15, 6, 2), diz que Herodes conseguiu por bons modos que Hircano lhe contasse ter recebido de Malcos cartas de cortezia e quatro jumentas para seu uso. Teria sido o suficiente para o rei conceber suspeitas de traição e mandar executar o ancião. José e as fontes mencionadas acham esta versão preferível, visto o caráter indolente de Hircano desde sua juventude (n. 12), sua extrema idade, e o fato de se ter confiantemente colocado nas mãos de Herodes. Acham, por conseguinte, que da parte dêste se tratava de um pretexto — *σκηψις* —, e que Hircano sofreu a morte injustamente (322). Parece, com efeito, que as cartas e os presentes de Malcos tenham dado a Herodes a idéia de como proceder contra o avô de Mariame, e os autores em geral consideram a correspondência entre Hircano e Malcos falsificada por êle. Morria Hircano vítima inocente das suspeitas de Herodes, que temia que o ancião pudesse servir, durante sua ausência, a seus inimigos, para fins de propaganda política (323). Lemos, de fato, que seus inimigos com a notícia da vitória de Áccio começaram a esperar por mudanças (A. 15, 6, 1 § 162s). Na Guerra José diz apenas que Herodes mandou matar a Hircano por suspeitas de traição ou conspiração (G. 1, 22, 1 § 433).

(320). — U. Holzmeister 31. — A. H. M. Jones 58 fala no *privy council* de Herodes, mas no texto grego de José *synédriou* leva o artigo.

(321). — Ver os dois argumentos em W. Otto 50.

(322). — A. 15, 6, 3 — 4. O esboço da vida de Hircano A. 15, 6, 4 sugere que a passagem tôda provenha de fonte judaica anônima favorável aos hasmoneus. Compare-se o juízo de José, em contraste com a morte heróica de Fasael, G. 1, 13, 10 § 271; W. Otto 49, nota.

(323). — E. Schürer 1, 427; J. Felten 1, 121; G. Ricciotti 386; U. Holzmeister 31; W. Otto 49; A. H. M. Jones 48, etc.

202. — Este procedimento de Herodes contra outro membro inocente da casa dos hasmoneus, procedimento que significava ao mesmo tempo o abandôno da política anterior de união com os mesmos, provocou a rutura definitiva entre o rei e Mariame (324). Havia muito tempo que as relações entre Mariame de um lado, e Cipros, mãe de Herodes e sua irmã Salomé, do outro, eram péssimas. Mariame não as considerava suas iguais, e elas não lhe perdoavam seu orgulho de hasmonéia, membro da casa real (325). Herodes amava, com certeza, apaixonadamente a Mariame (326), mas é difícil dizer até que ponto fôsse correspondido pela altiva Mariame, que às vezes o tratava com aspereza, e, naturalmente, devia incluí-lo no desdém manifestado por Cipros e Salomé por causa de sua origem obscura (A. 15, 7, 4). E' provável que com o correr dos anos os sentimentos que nutrira por Herodes, quaisquer que fôsem de início, se tivessem transformado em ódio e repulsa (327). E' certo que a execução do velho Hircano deu lugar a cenas violentas entre os esposos (G. 1, 22, 2 § 437; A. 15 § 329), fomentadas, sem dúvida, por Alexandra (328).

203. — No entanto Otaviano, que passara o inverno de 31-30 em Samos, depois da rápida visita à Itália, preparava-se para ir ao Egito, costeando a Ásia e a Síria (329). Foi a ocasião escolhida por Herodes para enfrentar o perigo (G. 1, 20, 1 § 327), e apresentar-se ao vencedor em Rodas. Antes disto, porém, temendo talvez pela sorte de sua família em caso de distúrbios, se a deixasse em Jerusalém (330), e desconfiando das tramas de Alexandra (A. 15, 6, 5), resolve colocá-la em lugar seguro. A animosidade entre as mulheres aconselhava uma separação (A. ib.). Sua mãe Cipros, sua irmã Salomé e todos os seus filhos foram enviados a Massada sob a guarda de Feroras; Mariame com sua mãe mandadas à praça forte de Alexandreion (n. 160), sob a guarda do tesoureiro Jo-

(324). — W. Otto 50; F.-M. Abel 358.

(325). — G. 1, 22, 3 § 438; A. 15, 3, 9 § 80s. 6, 5 § 185. 7, 3 § 213 e 4 § 219s.

(326). — G. 1, 21, 1 § 431. 2 § 436. 3 § 440. 4 § 441s. 5 § 444; A. 15, 3, 9 e 7, 1. 2, 4.

(327). — G. 1, 22, 2 § 436. As afirmações de José quanto ao tempo anterior, A. 15, § 84. § 211 e 219, parecem exageradas, W. Otto 50.

(328). — W. Otto 50.

(329). — Suetônio, *Augustus* 17; cf. E. Schürer 1, 345; B. Niese-E. Hohl 274.

(330). — W. Otto 50.

sé e do itureu Soemo, ambos homens de confiança do rei. Ambos têm ordens de matar as duas mulheres, caso algo acontecesse a êle, Herodes, e de, juntamente com Feroras, assegurar o reino para seus filhos (A. ib.). A separação entre mãe e filhos é sinal que já nesta ocasião Herodes desconfiava de Mariame, e, naturalmente, mais ainda, de sua mãe Alexandra. As duas hasmonéias eram instintivamente inimigas de sua família, e poderiam tentar um levante. Não poderiam, neste caso, servir-se de seus filhos como de reféns (331). A ordem de matar a Mariame não provinha apenas de seus ciúmes, não querendo que, depois de sua morte, ela pertencesse a outrém¹ (cf. A. 15, 3, 5), mas ainda de razões de ordem política, como prova a ordem de matar também a Alexandra (332), e a ordem de conservar o reino para seus filhos. Isto supõe que um levante chefiado pelos hasmoneus teria outra finalidade. Enfim, estas providências tôdas mostram que Herodes ignorava o destino que lhe estava reservado (333), e como as coisas andariam na Judéa durante sua ausência.

204. — Diante disto, ao menos a julgar pela narração de José, foi admirável a coragem com que, durante a primavera de 30, se apresentou a Otaviano, em Rodes. Resolvera enfrentar de vez o perigo, e seu curso de ação ousado provou ser o mais acertado (334). Em lugar de apresentar-se em atitude súplice e penitente, aparece revestido de seus trajes reais, excetuado o diadema; seu discurso é direto e sem reservas (G. 1, 20, 1 § 387), e pode, em sua forma atual, corresponder, ao menos em substância, à verdade, ainda que provenha, com tôda a certeza, das memórias do próprio Herodes (335). Conforme a narração da **Guerra** teria dito o seguinte:

“Eu, César, feito rei por Antônio, confesso que, em tôdas as coisas, procurei tornar-me útil a êle. Nem quero recuar diante da afirmação, de que me terias visto em armas ao lado dêle como inseparável companheiro de armas, se não mo tivessem impedido os árabes. Mandeilhe, todavia, as tropas auxiliares que me foi possível enviar, e muitos milhares de medidas de trigo, e, nem depois de sua derrota em Áccio, abandonei a meu benfeitor. Do momento que não lhe pude mais ser útil como companhei-

(331). — W. Otto 50; A. H. M. Jones 58.

(332). — W. Otto 50s.

(333). — A. H. M. Jones 58; cf. A. 15, 6, 1 § 1.

(334). — A. H. M. Jones 58s.

(335). — W. Otto 48.

ro de armas, tornei-me seu melhor conselheiro, dizendo-lhe que o único remédio para suas desgraças seria a morte de Cleópatra. Apenas se desfizesse dela, prometia-lhe eu dinheiro, e muros para sua proteção, e um exército, e a mim mesmo como companheiro na guerra contra ti. Seus ouvidos, porém, parece que estavam obturados por sua paixão por Cleópatra, e por Deus, que te deu o poder a ti. Compartilho a derrota de Antônio, e com a sua sorte adversa depus o meu diadema. Vim para junto de ti, colocando a esperança de minha salvação em minha integridade, e suponho que se examine, não de quem fui amigo, mas o grande amigo que fui” (336).

205. — Parece não concordar com os fatos a afirmação de que não deixou o partido de Marco Antônio, mesmo depois de Áccio. Vimos que bem depressa o abandonou (n. 198), e Otaviano, em sua resposta, mostra-se informado de sua cooperação na captura dos gladiadores de Cízico (A. 15, 6, 7; G. 1, 20, 2. § 392), e, por conseguinte, do fato de êle ter-se bandeado para o seu lado. Deve tratar-se, por parte de Herodes, da insistência em sua lealdade para com todos os seus amigos, seja quais fôsem. O discurso, em suma, era um apêlo evidente para esquecer o passado, e uma oferta de amizade mútua (337), pon-do-se às ordens de Otaviano. Não sabemos até que ponto a franqueza de Herodes lhe granjeou as boas graças de Otaviano, porque as afirmações a respeito (A. 15, 6, 7) provém do próprio Herodes (338). O certo é que soube convencer a Otaviano, e a entrevista de Rodes foi inteiramente satisfatória para êle. Otaviano, por um decreto, o reconfirmou como rei, e pessoalmente lhe reimpôs o diadema. Um **senatus-consulto** confirmou a nomeação (A. 15, 6, 7). Otaviano apenas teria pedido que Herodes não fôsse menos amigo seu, do

(336). — G. 1, 20, 1 § 388-390. O discurso em A. 15, 6, 6 é substancialmente o mesmo, só que aí Herodes nega ter ajudado Marco Antônio [com armas, o que contradiz Plutarco, *Antonius* 61.]. Em G. 1, 20, 1 § 387 afirma-se que Herodes se apresentou a Otaviano nos trajes de um cidadão qualquer, mas com o ânimo de um rei.

(337). — Sobretudo na forma de A. 15, 6, 6 F.-M. Abel 1, 356 resume muito bem a argumentação de Herodes do seguinte modo: “Attaché au Romain, hostile à l'étrangère, Hérode promettait de garder à César la même fidélité et le même dévouement, si le vainqueur d'Antoine daignait considérer la preuve de ses sentiments indépendamment de la question de personne. — Cf. M.-J. Lagrange 173: La fidélité envers l'ami vaincu devait être un gage de celle qu'il promettait au vainqueur”.

(338). — W. Otto 48.

que o fôra de Marco Antônio (339), prometendo-lhe, ainda, novos favores para o futuro, a fim de não sentir a perda dêste (G. 1, 20, 2 § 392). Não se omite a menção de presentes a Otaviano e seus amigos (G. ib. § 393).

206. — O procedimento do vencedor de Accio justificava-se por vários motivos. A favor de Herodes falava o fato de não ter participado pessoalmente da batalha de Accio — o que devia a sua inimiga Cleópatra (n. 194) —; o fato de ter-se separado logo do partido de Marco Antônio (n. 198), e sua atitude obediente diante do novo senhor do mundo (340). Além disto, Herodes, hàbilmente, insinuara o nome de Cleópatra como culpada principal da guerra, no que concordava perfeitamente com a versão oficial de Roma. Já em 37-36 Marco Antônio havia-se casado, em Antioquia, com Cleópatra, gerindo-se desde então como príncipe-consorte, apesar de estar ainda casado com Otàvia, irmã de Otaviano, divorciando dela apenas em 32 (341). O procedimento do triúmviro causou grave escândalo em Roma, e, bem assim, o modo como dispunha das províncias a favor de Cleópatra e de seus filhos. Otaviano começara a agir públicamente contra seu colega, e conseguira excitar a indignação geral contra êle pela publicação de seu testamento, que lhe caíra nas mãos. Marco Antônio foi privado de todos os seus cargos públicos, e declarou-se a guerra contra Cleópatra, a quem se considerava o verdadeiro inimigo (342).

207. — Antes de tudo, porém, sabia Otaviano, que Herodes, a quem conhecia desde o ano de 40 (n.s 138-141), era um homem útil, que era amigo sincero dos romanos, e que seria absolutamente fiel a quem estivesse no poder. Já dera provas de sua utilidade na ação contra os gladiadores de Cízico (n. 198), e continuaria a ser um servidor precioso da causa romana numa parte extremamente difícil das fronteiras do impé-

(339). — A. 15, 6, 7; G. 1, 20, 2 § 391; ver ib. § 392 e 3 § 393 a resposta de Otaviano e a confirmação de Herodes. O perdão pedido a favor de Alexas, amigo e mensageiro de Marco Antônio (Plutarco, *Antônio* 72) foi negado, G. 1, 20, 3 § 393; A. 15, 6, 7 onde é chamado Alexandre. Jos. não explica a presença de Alexas, nem porque Herodes se empenhasse a seu favor.

(340). — W. Otto 48; cf. J. Felten I, 120.

(341). — B. Niese-E. Hohl 270. 272.

(342). — Ib. 272s. Cf. Cássio Dión, *Historia Romana* 49, 32, 5 e 41, 1-3; 50, 3, 3, 4, 5; J. Buchan, *Augustus*, London 1947, 109-111, o qual chega a dizer de Cleópatra (ib. 84): "She was the only human being, except Hannibal, who ever put fear on Rome".

rio (343). De resto o vencedor de Accio deixou no poder vários dos reis vencidos (344), e o caso de Herodes não era o único, como êle nos parece fazer crer (A. 15 § 198). De entre os reis-clientes de Marco Antônio foram confirmados, por exemplo, Amintas da Galácia, Arquelau da Capadócia, o qual, no entanto, estivera presente em Accio, e Polemón do Ponto, que enviara tropas (345). Também nada ouvimos sôbre uma punição contra Malcos, rei dos nabateus, que igualmente enviara tropas a Accio (n. 194), e igualmente se bandeara em tempo para o lado do vencedor. A insistência de Quinto Dídio (n. 198) havia destruído os navios de Cleópatra estacionados no gôlfo arábico, fechando destarte a saída de Marco Antônio para o sul (346).

208. — No caso particular de Herodes, devia sua carreira extraordinária impor-se ao espírito empreendedor dos romanos. Entre os reis-clientes de Roma era êle certamente o único que se elevava acima da mediocridade e seu território e seu povo sempre haveriam de intrigar os romanos (347). Apesar de sempre se ter bandeado inicialmente do lado errado, conseguira habilmente mudar de partido no momento exato: de Pompeu passara para César, de César para Cássio, de Cássio para Marco Antônio, dêste para Otaviano, e tôdas as vêzes conseguira permanecer no poder, e até aumentá-lo (348). Contudo, sabiam os romanos perfeitamente que para Herodes, como para os reis vassallos em geral, estas mudanças de partido eram questões de vida ou de morte, e que todos êles agiam apenas impelidos pelo instinto de conservação (349). Em todo o caso, Otaviano e Herodes tornaram-se amigos sinceros, e só nos últimos anos do segundo é que se turvou esta amizade.

209. — Com o perdão de Otaviano termina o período dos perigos externos para o reinado de Herodes, uma vez que já

(343). — W. Otto 48; A. H. M. Jones 59; J. Felten 1, 121.

(344). — Suetônio, *Augustus* 48: "Regnorum quibus belli jure potitus est, praeter pauca, aut isdem quibus ademerat reddidit, aut alienigenis contribuit"; Cássio Dión, *Historia Romana* 51, 2, 1s. 54, 9, 1s.

(345). — Plutarco, *Antonius* 61; Cássio Dión, *ib.* 51, 2, 2; ver W. Otto 48; A. H. M. Jones 59.

(346). — Plutarco, *ib.* 69; Cássio Dión, *ib.* 51, 7, 1f ver. F.-M. Abel 1, 355; E. Schürer 1, 345.

(347). — J. Buchan, *ib.* 189.

(248). — *Ib.* 190; J. Felten, 1, 121; F.-M. Abel 1, 356; A. H. M. Jones 59s: "Herod had thus come through the crisis with flying colours. He had not only preserved his kingdom, he had enlarged it".

(349). — Ver W. Otto 156.

podia prever-se o fim próximo de Marco Antônio e de Cleópatra. A crise do império teria seus efeitos salutares também para Herodes: livra-lo-ia de sua inimiga mortal e da proteção pouco segura de Marco Antônio, e fá-lo-ia beneficiar-se dos efeitos da nova paz mundial (350), da **immensa romanae pacis maiestas** (351). Já em breve teria Herodes ocasião de nela colaborar, e para mostrar sua gratidão a Otaviano pelos favores recebidos, favores que nem êle nem seus súditos, amigos e inimigos, haviam esperado (n.s 198. 203). Quando Otaviano no verão de 30, partindo da Síria, começou sua marcha sobre o Egito, foi recebido por Herodes em Ptolemaide (= Acco), e aí tratado magnificamente. Herodes amplamente aprovisionou o exército, sobretudo de água, prevendo a travessia pelo deserto até Pelúcio. A Otaviano deu ainda 800 talentos (352). Esta atitude do rei não deixou de causar a impressão desejada, e não deveria tardar a recompensa de seus serviços (G. 1, 20, 3 § 395).

210. — Contudo, se Herodes fôra feliz com Otaviano, aumentavam sempre mais suas dificuldades domésticas. Alexandra e Mariame estavam exacerbadas com sua quase-prisão de Alexandreion (n. 203). Mariame convencera-se de que os protestos de amor de seu marido eram falsos. Sua indignação chegou ao auge, quando conseguiu que Soemo, seu guarda, lhe revelasse as ordens secretas do rei a seu respeito. E' perfeitamente compreensível que esta indignidade a afastasse definitivamente do marido, em adição aos fatos precedentes (n. 202) (353). A atitude mudada da espôsa não deixou de impressionar profundamente a Herodes, que se via suspenso entre o ódio e o amor, entre explosões de ira, e de reconciliações, entre a vontade de mandar matar a espôsa, e o medo de perdê-la (A. 15, 7, 1-2). Sua mãe e Salomé hàbilmente continuavam a fomentar o dissídio entre os esposos (n. 202) por meio de calúnias, inclusive a da infidelidade conjugal (ib. 3) (354). Parecem ter conseguido que o ânimo de Herodes sempre mais se afastasse de Mariame, e que resolvesse afinal livrar-se dela (A. ib.).

(350). — W. Otto 48.

(351). — Plínio, o Velho, *Naturalis Historia* 27, 1, 3.

(352). — A. 15, 6, 7; G. 1, 20, 3 § 394s. — Em A. ib. § 196 supõe-se que Herodes tivesse acompanhado Otaviano de Rodes pela Síria até ao Egito, o que difere do § 198. Trata-se de duas fontes mal combinadas entre si, W. Otto 48.

(353). — W. Otto 51.

(354). — Cf. G. 1, 22, 3 § 438-440, onde se conta a historieta inverossímil do retrato de Mariame enviado a Marco Antônio, cf. W. Otto 37 e nota 261 d'êste capítulo.

211. — Estavam as coisas neste pé, quando chegou, ainda no mesmo ano de 30, a notícia da vitória de Otaviano no Egito, e da morte de Marco Antônio e de Cleópatra. Herodes acode pressuroso, provavelmente para congratular-se com o vencedor (355), mas, com certeza, mais ainda para fazer-se lembrado na hora da distribuição dos prêmios (356). Como quer que seja, Otaviano mostra-se reconhecido e revela-se inteiramente amigo de Herodes. Era, com efeito, do seu interesse, dar mão forte ao amigo leal de Roma. Restituem-se, pois, a Herodes os territórios cedidos a Cleópatra, isto é, a cidade de Gaza e o distrito de Jericó (n.s 189. 192), e cedeu-se-lhe o pleno domínio da Samaria, até então sujeita a um tributo anual (n.s 108. 111. 150) (357). No litoral recebeu ainda as cidades autônomas de Antedón, entre Gaza e Ascalão (358), Jafa e a Torre de Estrabão — *Στρατώνος πύργος* — a futura Cesaréia Marítima, ou da Palestina. Chegava destarte o estado herodiano a ter pleno e livre acesso ao mar. Além disso, obteve Herodes ainda duas cidades autônomas da Decápole, ambas próximas do lago de Genezaré, Hipos e Gádara (359). Tôdas as cidades mencionadas haviam sido tiradas aos judeus e declaradas autônomas por Pompeu, sujeitas à província da Síria (360). Desta forma a Judéia havia sido cercada por inúmeros pequenos enclaves, que lhe tolhiam os movimentos, e lhe fechavam o acesso ao mar.

212. — A cessão de Hipos e Gádara a Herodes talvez explique um episódio de sua carreira anterior. Por ocasião de sua fuga diante do sínédrio refugiara-se junto de Sexto César em Damasco, e fôra nomeado *strategós* da Celessíria (n.s 108. 112). Esta, a Síria Côncava, designa, em sentido estrito, a planície entre o Líbano e o Anti-líbano. Com a conquista, porém, da Palestina pelos selêucidas, passou a designar todo o território meridional da Síria até ao Egito, ao passo que os romanos novamente nela distinguem a Fenícia e a Judéia (361). A termino-

(355). — W. Otto 48; A. H. M. Jones 59.

(356). — E. Schürer 1, 428.

(357). — W. Otto 49 define esta dispensa do tributo como consequência lógica da incorporação gradual da Samaria na Judéia.

(358). — Ver E. Schürer 3, 72^{2a}; F.-M. Abel, *Géographie* 2, 244s.

(359). — A primeira procura-se em *qalaat el-hosn*, a segunda em *um-keis*, ao sul do Yarmuk; F.-M. Abel, *ib.* 471 e 323.

(360). — Gádara, Hipos, Samaria, Gaza, Jafa, Torre de Estrabão, A. 14, 4, 4 § 75s; G. 1, 7, 7 § 155s. Antedón não é expressamente mencionada, mas em outra passagem conta-se que foi reconstruída por Gabínio, juntamente com Samaria, Gaza e outras cidades, A. 14, 5, 3 § 88; G. 1, 8, 4, § 166.

(361). — Estrabão, *Geographica* 16, 2, 21; Plínio, o Velho, *Naturalis Historia* 5, 12, 66s e 20, 77; cf. F.-M. Abel, *Géographie* 2, 130-132. 133.

logia geográfica, por conseguinte, é por vèzes vaga, sobretudo em José (362). Damasco, por exemplo, podia ser chamada parte da Síria (A. 13, 13, 4 § 370s) ou da Celessíria (ib. 14, 2 § 392; G. 1, 4, 8 § 103), e uma cidade tão afastada como Filadélfia (= Ammân) podia ser designada como cidade da Síria, da Arábia e da Celessíria (363). Foi visto igualmente que Atenión, general de Cleópatra, atacou a Herodes durante sua luta contra os árabes na região entre o lago de Genesaré e o Hauran (n. 195). Acresce que a própria cidade de Gádara é designada em moedas como cidade da Celessíria, assim como a vizinha cidade de Ábila, igualmente cidade da Decápole (364). Diante disto pode dizer-se que Herodes provàvelmente recebeu precisamente Hipos e Gádara, porque já antes lhe haviam sido confiadas certas incumbências administrativas sôbre estas cidades, e talvez sôbre outras mais (365). Perdera-as com a invasão dos partas, ou com o território da Celessíria cedido a Cleópatra (366). Em todo o caso, as duas cidades lhe davam o domínio de todo o mar da Galiléia, assim como a cessão completa da Samaria unia seu país em um todo compacto e unido, desde a Iduméia até à Galiléia (367). Com esta primeira doação começaram a realizar-se as palavras de Tácito: **Regnum ab Antonio Herodi datum victor Augustus auxit** (368).

213. — Outro presente valioso de Otaviano foi a cessão a Herodes de 400 gálatas da guarda de corpo de Cleópatra, que deveriam servir com o mesmo fim a Herodes (A. 15, 7, 3 § 217; G. 1, 20, 3 § 397), e consolidar desta forma seu prestígio e poder no interior, como os acréscimos territoriais deviam forçosamente garantir seu prestígio no exterior (369), pois o novo se-

(362). — W. Otto 18.

(363). — Textos, inscrições e moedas citadas por E. Schürer 3, 120s.

(364). — E. Schürer 3, 103. 105; F.-M. Abel, *Géographie* 2, 131s. — Em A. 13, 15, 4 § 395-397 Gádara é nomeada entre as cidades tomadas por Alexandre Janeu na Síria, Iduméia e Fenícia. Em G. 1, 7, 7 § 155s parece haver distinção entre as cidades da Celessíria e as da Decápole, ao passo que em A. 14, 4, 4 § 74s as últimas parecem fazer parte da Celessíria.

(365). — W. Otto 49.

(366). — A última opinião em F.-M. Abel 1, 351. No tempo de Marco Antônio, Damasco cunhava moedas com a effigie de Cleópatra, id., *Géographie* 2, 145.

(367). — Id., ib. 151. Quanto às outras cidades do litoral, Rafia, Azoto, Jâmnia, Apolônia, não sabemos se nesta ocasião foram igualmente cedidas a Herodes, cf. W. Otto 48, nota. Certamente Ascalão sempre ficou cidade autónoma, F.-M. Abel, *Géographie* 2, 252; Plínio, o Velho, *Naturalis Historia* 5, 12, 68: *oppidum Ascalo liberum*. — Dora e Ptolemaide estavam anexadas à província da Síria.

(368). — *Historiarum* 5, 9.

(369). — W. Otto 49; cf. A. 15, 7, 4.

nhor de Roma pronunciara-se definitivamente a favor de Herodes (370). Se a existência de um corpo de guardas gálatas é de interesse para o estudo da história das tropas mercenárias (371), Herodes apenas reencetou uma tradição antiga, inaugurada por Davi, que se cercara de tropas estrangeiras para tornar-se independente da emulação das tribos; isso também fôra feito por João Hircano (372). Cumulado de favores, acompanhou Herodes a Otaviano na volta do Egito para Antioquia, prestando novamente bons serviços no abastecimento do exército (A. 15, 6, 7. 7, 4; G. 1, 20, 3 § 395).

214. — Regressando a Jerusalém, teve êle que enfrentar a fase final de sua desavença doméstica com Mariame, que já se prolongava por um ano depois de seu retôrno de Rodes (A. 15, 7, 4) (373). O terreno para êste desfêcho estava suficientemente preparado pelas intrigas de Cipros e de Salomé (n. 202). Ao que parece, novas acusações de Mariame pelo assassinato de seu avô e de seu irmão teriam decidido Herodes a agir, e Salomé incumbir-se-ia do resto. Induziu o copeiro do rei a confessar que havia sido rogado por Mariame para ajudá-la na confecção de um elixir de amor para o rei, mas que na realidade era veneno. O eunuco de confiança de Mariame, sem o qual ela nada poderia ter feito, foi submetido à tortura, e, como era natural, nada soube dizer, a não ser que a atitude da rainha havia mudado em consequência de certas coisas que lhe havia confiado Soemo. Viu-se, pois, que êste revelara as ordens secretas do rei, e êste, repellido já em seus amores por Mariame (A. 15, 7, 4), e ciumento até ao extremo, sem mais deu crédito às calúnias de Cipros e de Salomé. Supunha que Soemo não teria revelado o segredo a Mariame, se esta não o tivesse enganado com êle.

215. — Tanto bastou para que Soemo fôsse imediatamente executado, e Mariame acusada de venefício perante o conse-

(370). — A. H. M. Jones 60.

(371). — W. Otto 49. Sobre os gálatas, parentes dos invasores da Itália, e dos gauleses da Franca, costumam tratar as introduções aos comenários à Epístola aos Gálatas, como, por exemplo, E. de Witt Burton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians*, Edinburgh 1921 (1950), XVII-XXI; M.-J. Lagrange, *Saint Paul. Épitre aux Galates*, Paris 1950, XIII-XV. Sobre a menção anacrônica dos gálatas por ocasião do assassinato de Aristóbulo III, ver, nota 273 dêste capítulo.

(372). — Os quereteus e peleteus de Davi aparecem em 2 Sam. 8, 18; 15, 18; 20, 7, 23 etc. Das tropas estrangeiras de João Hircano fala-se em A. 13, 8, 4 § 249; cf. G. Ricciotti 338.

(373). — W. Otto 51, contra E. Schürer 1, 429s.

lho dos familiares do rei. Diante da atitude exacerbada de Herodes, Mariame foi condenada à morte. José descreve em cores vivas o papel ignóbil desempenhado nesta ocasião por Alexandra, mãe de Mariame. Para não se ver envolvida na ruína da filha, acusou-a publicamente de maldade e de ingratidão para com o marido, e declarou-a, digna do destino que a esperava. Contudo, tanto Herodes, quanto diversos dos presentes, teriam preferido que Mariame ficasse prêsna em uma das praças fortes do país, mas Salomé lembrou as possíveis reações do povo, se a rainha continuasse viva. Foi o que fêz com que a sentença fôsse executada (A. 15, 7, 4), o que demonstra ao mesmo tempo que Herodes ainda não se fiava de todo na situação do país (374). Mariame caminhou para a morte com o ânimo altivo e intrépido de sempre, dando ainda em seus momentos extremos provas da nobreza de sua linguagem (A. 15, 7, 5).

216. — A narração de José nas **Antigüidades** demonstra a completa inocência de Mariame. Declara expressamente que era casta e fiel a seu marido (A. 15, 7, 4 e 6), e louva seu caráter. Concede, todavia, que tinha um gênio forte e abusava do amor manifesto de Herodes para tratá-lo com petulância e aspereza, para o que, aliás, lhe davam motivo suficiente os crimes praticados contra a própria família. Sua altivez de hasmoneia granjeou-lhe a inimizade implacável de Cipros e de Salomé, inimizade que lhe devia ser fatal (ib.). Em última análise, Mariame morreu vítima da incompatibilidade entre a casa legítima dos hasmoneus, e o usurpador e sua família, e, ainda, dos ciúmes insanos de Herodes. Êste provavelmente não acreditava que Mariame quisesse envenená-lo, e a acusação de venefício só serviu como pretexto diante do tribunal doméstico e diante do povo. De fato, na narração paralela da **Guerra**, que combina duas narrações diversas e coloca a morte de Mariame anos antes, a única causa da morte da rainha seria a infidelidade (G. 1, 22, 4 § 441-5 § 443), única, igualmente, alegada por Nicolau de Damasco em sua vida de Herodes, como nos informa José (A. 16, 7, 1 § 185) (375). Aos olhos do povo Mariame certamente era inocente, atribuindo-se uma epidemia a castigo de Deus pela injúria feita a ela (A. 15, 7, 7).

(374). — W. Otto 51.

(375). — Ver W. Otto 51s, onde se discute a atitude de Herodes diante de Alexandra. O fato dela não ter sido envolvida no desastre da filha, apesar do que se diz de suas maquinações anteriores, sugere que estas talvez fôsem inventadas depois de sua morte, quando Herodes chegou à conclusão que ela fôra sua maior inimiga.

217. — A explosão violenta dos ciúmes de Herodes seguiu-se um período de depressão profunda, revelando mais uma vez o caráter selvagem e violento d'êste homem. Como fôra violenta sua paixão por Mariame, violento foi seu ódio, quando se julgou por ela enganado, e violento foi também seu arrependimento. Não conseguia convencer-se da morte da espôsa, e em vão tentou afastar-lhe a imagem pelos prazeres da mesa e da caça, descuidando-se completamente do govêrno (376). Enfim, caiu doente em Samaria. Tratava-se, conforme José, de inflamação dolorosa do occipício ou da nuca, acompanhada de ocasionais perdas dos sentidos, inflamação que resistiu a todos os esforços dos médicos e o pôs às portas da morte (A. 15, 7, 7; cf. G. 1, 22, 5 § 444) (377). Diante do estado desesperador do rei, Alexandra julgou, afinal, chegada a sua hora. Procurou induzir as guarnições das duas fortalezas da capital, a Antônia e o palácio real ao oeste da cidade (378), a entregar as mesmas a ela e aos filhos de Herodes. Afirmava que, no caso da morte d'êste, outros poderiam apoderar-se delas, e no caso de sua convalescença ninguém melhor que seus familiares as ocupariam para êle. O caso foi levado ao conhecimento de Herodes pelos comandantes das guarnições fiéis, dos quais um era Aquiab, primo-irmão do rei (n. 87), e Alexandra foi prontamente mandada executar (A. 15, 7, 8) (379).

218. — Um último crime consolidará o poder de Herodes. Ao chegar ao poder, nomeara um nobre idumeu, Costobar, governador da Iduméia e de Gaza (n. 192). Dera-lhe ainda como mulher sua irmã Salomé, depois da execução de seu tio e cunhado José (n. 188). Durante certo tempo Costobar parece ter favorecido as pretensões de Cleópatra sôbre a Iduméia, movido, ao que parece, por ambições particulares. Fôra perdoado por Herodes a pedido de Salomé e de Cipros (A. 15, 7, 9) (380). Posteriormente Salomé, cansada provavelmente do novo marido,

(376). — Uma tradição talmúdica parece refletir a crença popular de que Herodes preservou o cadáver de Mariame em mel durante sete anos, *babBaba Bathra* 3 b; cf. M.-J. Lagrange 175¹. Sôbre a preservação de cadáveres em mel ver A. 14, 7, 4 § 124; G. 1, 9, 1 § 184; Heródoto, *Historiarum* 1, 198; Cornélio Nepos, *Agasilau* 8.

(377). — W. Otto 52 diagnostica um furúnculo maligno supurado. Cf. também M.-J. Lagrange 175: "Ce ne fut pas cependant, semble-t-il, de chagrin comme dit Josephq, mais plutôt une maladie contagieuse, un abcès dans la nuque, avec des violentes douleurs cérébrales et la fièvre, qui mit ses jours en danger".

(378). — F.-M. Abel 1, 359.

(379). — Em fins de 29, ou princípios de 28 a. C., W. Otto 52.

(380). — W. Otto 45, nota, duvida que os fatos se tenham dado desta forma. Admite-os F.-M. Abel 1, 359.

divorcia-se dêle contra as leis judaicas, como expressamente nota José, e o denuncia com vários amigos a Herodes como conspirador (381). Como prova disto cita o fato de Costobar ter escondido durante doze anos os filhos de um certo Babas (ou Sabba), descendentes de um dos ramos dos hasmoneus (A. 15, 7, 10 § 266), fautores de Antígono. A todo o custo Herodes quisera que êles lhe caíssem nas mãos por ocasião da tomada de Jerusalém, por gozarem de grande prestígio entre o povo. Foram, de fato encontrados no esconderijo indicado por Salomé, e mandados executar com todos os implicados (382).

219. — Êste acontecimento parece provar que se tratava de um movimento mais sério, e que as acusações de Salomé não se baseavam apenas em calúnias. O fato é tanto mais significativo, porque se tratava de pessoas relacionadas com a Iduméia, terra de origem da dinastia herodiana. Talvez os idumeus houvessem esperado demais do govêrno de seu conterrâneo (383). Em vista do texto de José os autores em geral colocam êstes últimos acontecimentos no ano de 25 a. C., contando os doze anos mencionados desde a tomada de Jerusalém (384). Outros, pelo contrário, contando com uma corrupção do texto, preferem collocá-los em 28-27, uma vez que a narração de José os põe em relação íntima com a doença de Herodes e a execução de Alexandra (385). Pelo que nos consta, Herodes livrara-se neste momento dos últimos rivais da casa dos hasmoneus, e enfraquecera ainda mais o partido dos nobres (A. 15, 7, 10). (Não mais haverá menção de dificuldades da parte dêstes (386). Cleópatra desaparecera definitivamente, e o ajuste com o novo senhor de Roma fôra imensamente vantajoso para Herodes. Fichava um só inimigo interno: a grande massa do povo judaico. Êste, contudo, daí em diante só se manifestará por meio de uma resistência passiva (387), que só raras vêzes explodiria em atos

(381). — Além de Costobar, Lisímaco, Gráidas, chamado Antípater, e Dositeu, A. 15, 7, 8 e 10, chamados amicíssimos de Herodes na primeira passagem. Dositeu aparece também na intriga contra Hircano II em A. 15, 6, 2. Conforme o direito judaico a mulher não podia por si só divorciar de seu marido, mas podia recorrer aos tribunais para forçá-lo a libertá-la; cf. St. Perowne, *The Later Herods*, London 1958, 197; H. L. Strack-P. Billerbeck 1, 318.

(382). — A. 15, 7, 10. A afirmação de que Costobar escondera os filhos de Babas, para mais tarde servir-se dêles, não se coaduna com as afirmações anteriores, ib. 9, a respeito de suas próprias ambições. W. Otto 53.]

(383). — W. Otto 53.

(384). — E. Schürer 1, 405; U. Holzmeister 32.

(385). — W. Otto 53 (texto e nota); M.-J. Lagrange 176¹. — F.-M. Abel 1, 359: "à une époque qu'il est difficile de préciser".

(386). — A. H. M. Jones 73.

(387). — W. Otto 54; A. H. M. Jones 62.

de insubordinação. Tal o caso da conspiração de dez cidadãos, dispostos a matar a Herodes por violar os costumes judaicos (A. 15, 8, 3 § 280-4 § 289). Contudo, nesta altura, c. de 28 a. C., Herodes já dominava tão completamente a situação interna do país, que podia empreender viagens prolongadas fora dêle, sem temer, como antes, que sua ausência provocasse distúrbios (388). Terá êle ainda alguns anos para dedicar-se à reconstrução do país, enquanto não se renovassem as dificuldades domésticas, que haverão de encher seus últimos anos.

(Continua no próximo número).

D. JOÃO MEHLMANN O.S.B.

Da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor-visitante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.